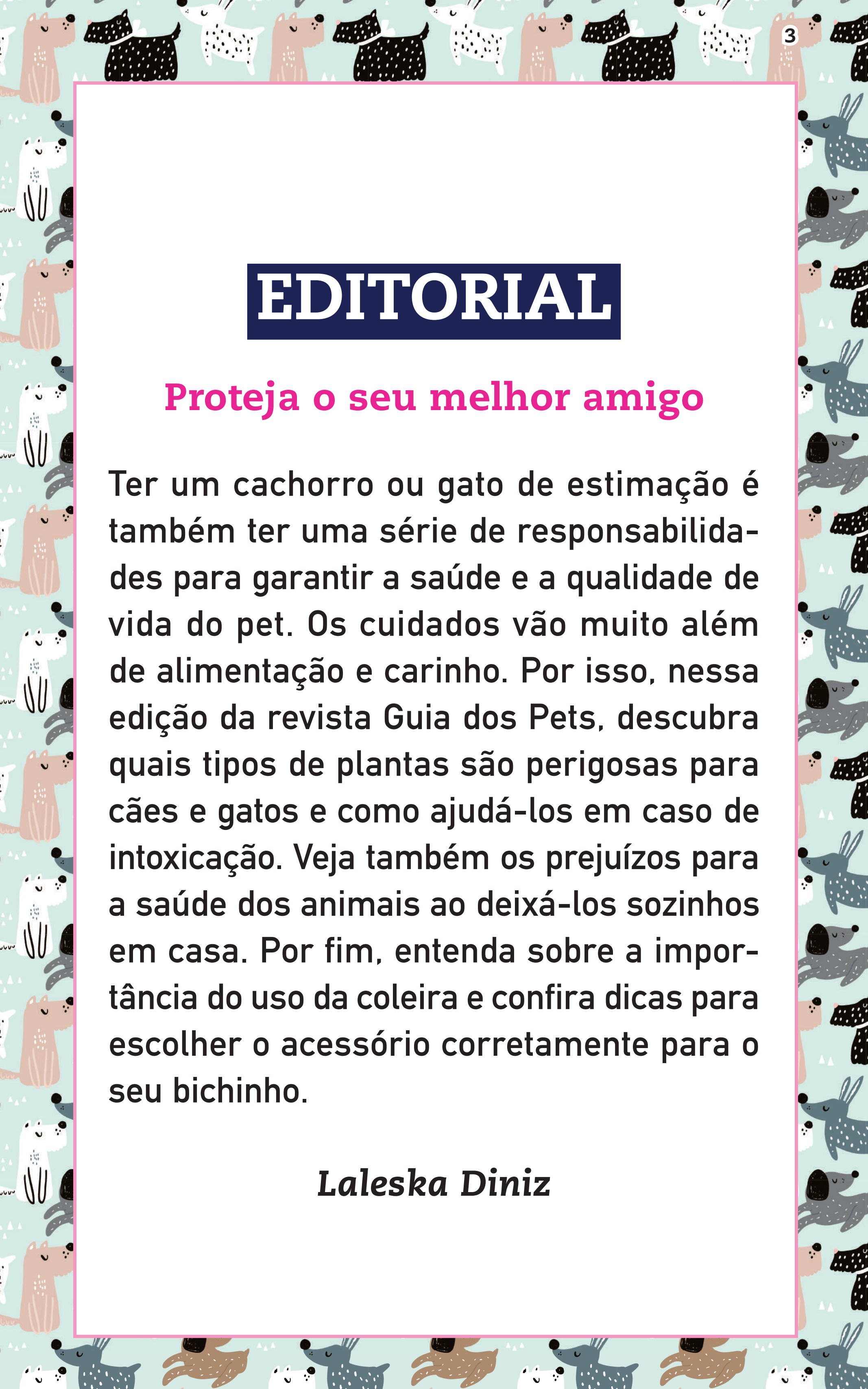


A decorative border surrounds the central text area, featuring a repeating pattern of stylized cartoon dogs and rabbits in various colors (brown, white, grey, blue) and patterns (solid, polka dots, stripes). The animals are depicted in a playful, jumping or running manner. The background of the border is a light teal color with small white triangles.

EDITORIAL

Proteja o seu melhor amigo

Ter um cachorro ou gato de estimação é também ter uma série de responsabilidades para garantir a saúde e a qualidade de vida do pet. Os cuidados vão muito além de alimentação e carinho. Por isso, nessa edição da revista Guia dos Pets, descubra quais tipos de plantas são perigosas para cães e gatos e como ajudá-los em caso de intoxicação. Veja também os prejuízos para a saúde dos animais ao deixá-los sozinhos em casa. Por fim, entenda sobre a importância do uso da coleira e confira dicas para escolher o acessório corretamente para o seu bichinho.

Laleska Diniz



PLANTAS QUE PODEM SER PERIGOSAS PARA CÃES E GATOS

**Veja quais são os riscos e como
proteger os seus animais**



Presentes em casas, jardins e praças, as plantas costumam deixar os ambientes ainda mais bonitos. Contudo, mesmo que pareçam inofensivas, elas podem oferecer uma série de riscos para a saúde de cães e gatos e, inclusive, levá-los à morte.

Segundo Caroline Mouco Moretti, médica veterinária clínica e diretora geral do Grupo Vet Popular, o que torna essas plantas tóxicas tanto para cães quanto para gatos são as substâncias encontradas nelas. “Por exemplo, a flor do antúrio contém oxalato de cálcio como princípio, podendo causar inchaço da boca, lábios e garganta, dificuldade para engolir, paralisia da língua, salivação excessiva, vômitos e diarreia”, explica.

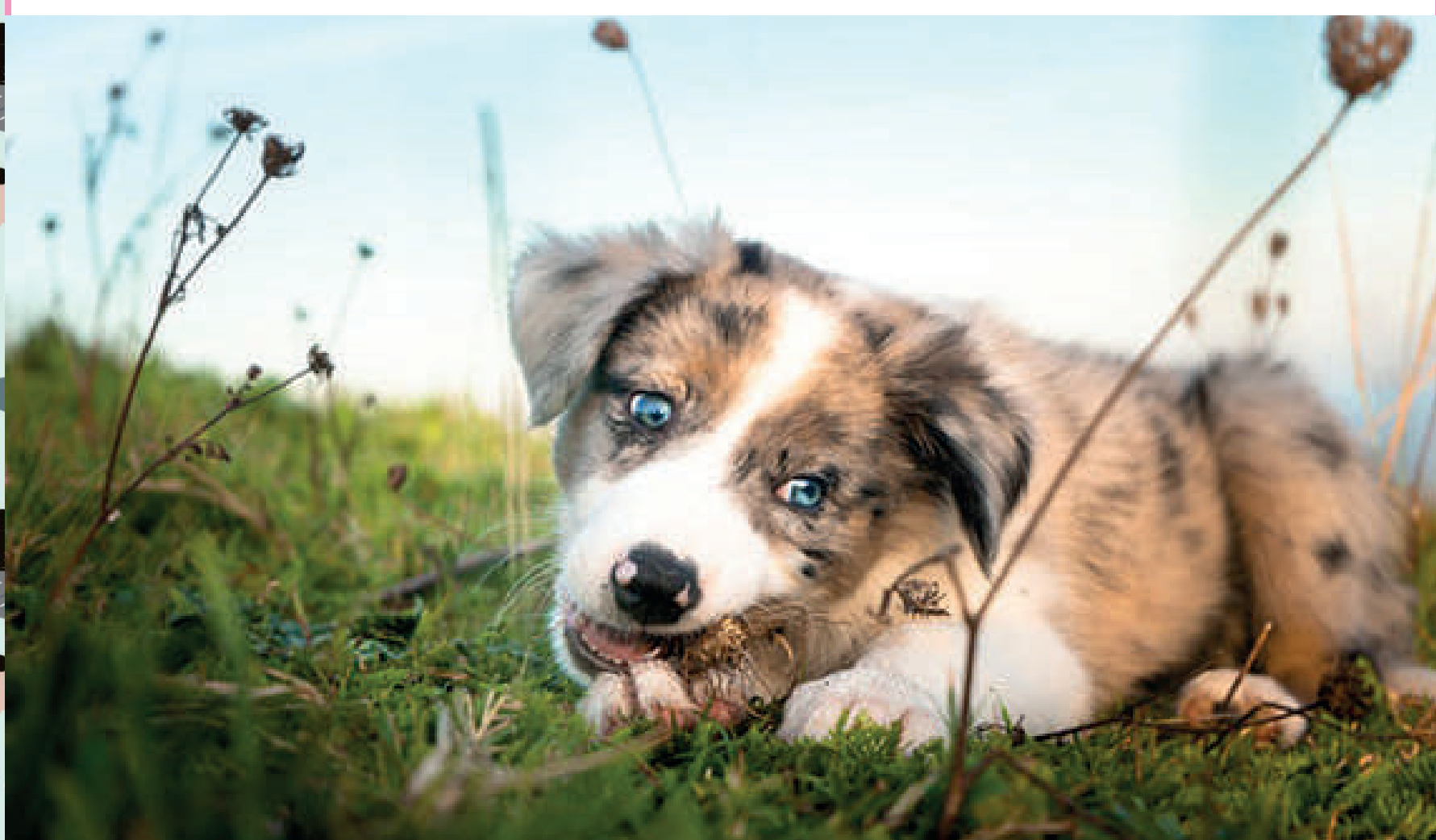
Além do antúrio, algumas das espécies que causam intoxicações são: comigo-ninguém-pode, azaleia, copo-de-leite, espada-de-são-jorge, lírio, violeta, dama-da-noite, costela-de-adão, coroa-de-cristo, samambaia, entre outras.



Como acontece a ingestão

A médica veterinária Caroline Mouco Moretti explica que, por vezes, a ingestão de plantas tóxicas pode acontecer durante as brincadeiras. “Principalmente filhotes, entre uma brincadeira e outra, acabam mordendo [plantas] e, muitas vezes, a ingestão pode ser acidental”, afirma.

Juliana Bulhões, médica veterinária do Hospital Veterinário, Pet Shop & Hotel Sena Madureira, acrescenta que “cães e gatos têm por hábito comer plantas para auxiliar o sistema digestivo”. Dessa forma, eles podem acabar ingerindo alguma espécie que cause intoxicação.



Fique atento aos sintomas

Os sintomas decorrentes da intoxicação causada por plantas podem ser os mais variados. Pode ocorrer falta de apetite, vômitos, diarreias, falta de coordenação motora e equilíbrio, desmaios, convulsões, lesões orais, alterações cardíacas, entre outros. Em casos mais graves, pode ocasionar até morte súbita do animal.

“Tudo vai depender do tipo de substância, quantidade ingerida e tempo de socorro após detecção da ingestão”, esclarece Caroline Mouco Moretti. Ainda de acordo com a profissional, os animais podem desenvolver os sintomas até 24 horas após a ingestão da planta.



O que fazer?

É extremamente importante que o tutor leve o animal ao médico veterinário assim que perceber a ingestão da planta ou logo que notar aparecimento dos sintomas. “Quanto antes tratar, menor a quantidade da substância tóxica a ser absorvida”, aponta a diretora geral do Grupo Vet Popular.

Caroline Mouco Moretti também explica que saber o tipo de planta que foi ingerida ajudará o médico veterinário a tratar o animal com maior precisão. Por isso, caso não saiba a espécie, vale a pena levar ao consultório um pedaço da planta ou até mesmo uma foto dela.



Proteja o seu animal

Para evitar a ingestão acidental, as médicas veterinárias orientam manter as plantas tóxicas longe de cães e gatos. “No caso de cães, manter em lugares altos é uma alternativa. Já no caso de gatos, o mais recomendado é não ter esse tipo de planta”, sugere Caroline Mouco Moretti.

Durante os passeios em ambientes externos, Juliana Bulhões aconselha manter o cachorro na coleira com a guia. Dessa forma, fica mais fácil impedir que ele entre em contato com alguma planta que possa oferecer risco.





USO DE COLEIRAS

**Entenda sobre a importância
desse acessório para a
segurança do animal**

Após a adoção, uma das primeiras compras dos tutores para o cachorro ou gato deve ser a coleira. Além da função estética, esse acessório é bastante importante para garantir a segurança do animal.

Durante os passeios, no caso específico do cachorro, ele pode ficar agitado com tantas novidades em volta dele. Por isso, a coleira juntamente com a guia pode ser usada para controlar essa agitação, além de evitar também que ele fuja, seja atropelado ou brigue com outros cães.



Coleira com identificação

Outra função importante desse acessório é ajudar na identificação do animal. Caso ele escape da guia durante um passeio, fuja de casa ou se perca por qualquer outro motivo, a coleira com identificação (seja bordada ou com placa) aumenta as chances de reencontrá-lo. Para isso, é preciso colocar o nome do pet e do tutor e um telefone, assim quem achá-lo poderá entrar em contato.

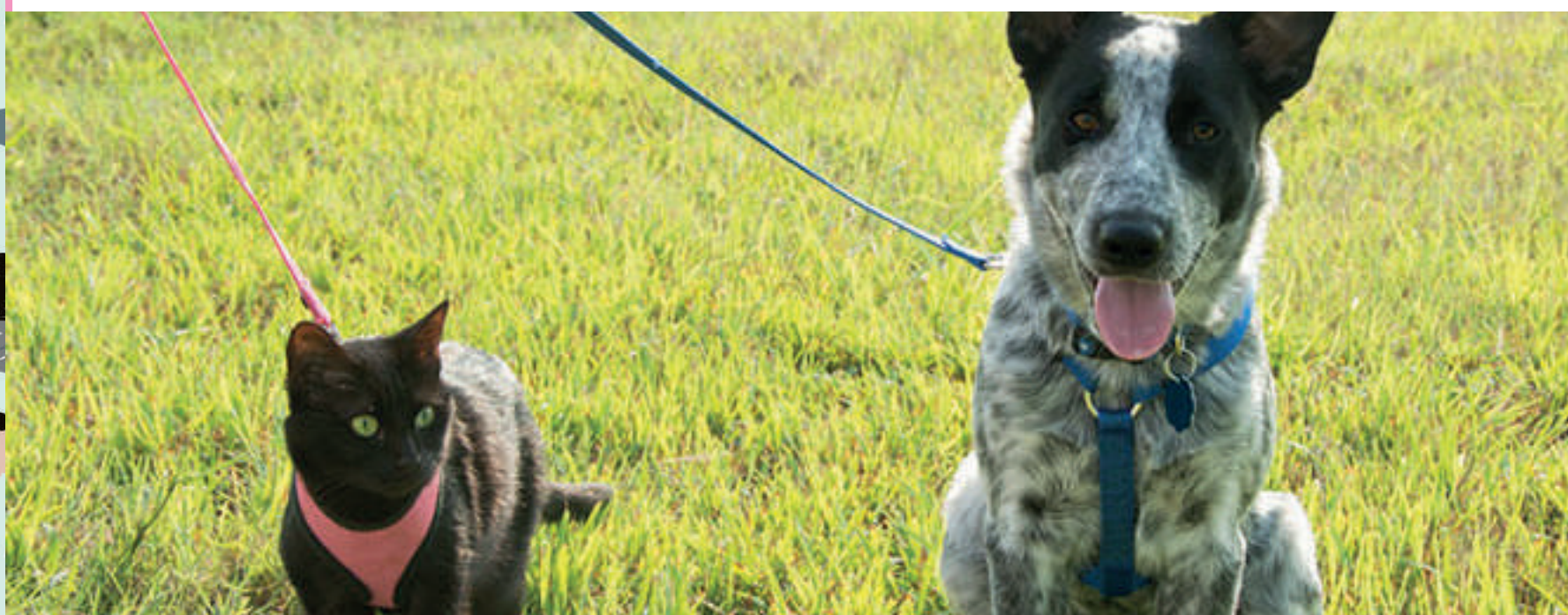
Mesmo os animais que possuem microchip precisam utilizar a coleira com identificação, pois nem todas as clínicas veterinárias possuem tecnologia para leitura. Além disso, se os dados cadastrados estiverem desatualizados, de nada valerá o microchip se o bichinho estiver perdido.

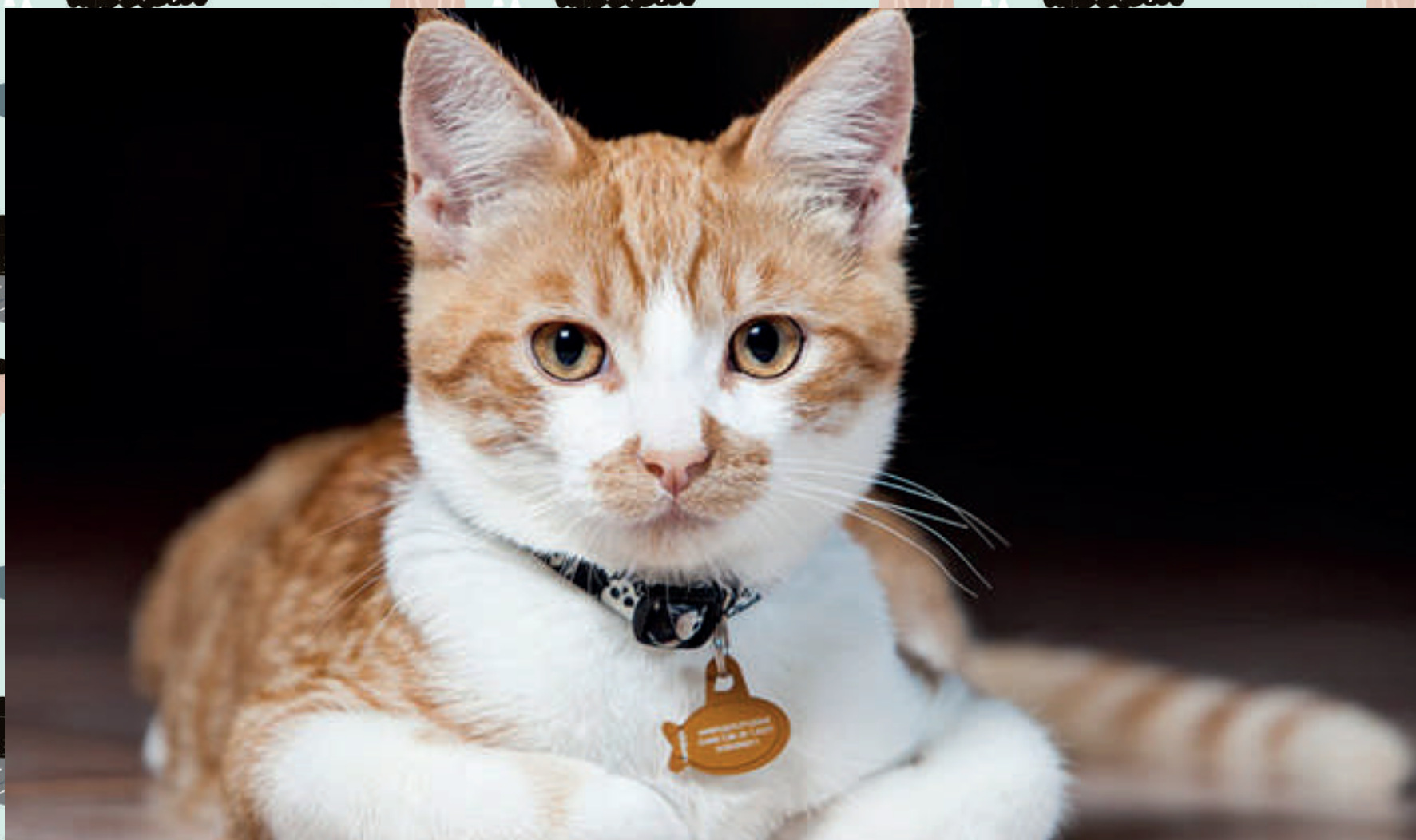


Qual opção escolher?

Atualmente, existe uma infinidade de modelos de coleiras à venda. Porém, a escolha deve ser feita com cuidado. “O uso de coleiras depende do porte [do animal], comportamento e finalidade”, explica Caroline Mouco Moretti, médica veterinária clínica e diretora geral do Grupo Vet Popular.

Segundo ela, se o cachorro é de pequeno porte e tem comportamento tranquilo, pode-se usar a coleira. Porém, se ele é um animal mais agitado, é recomendado utilizar o peitoral, para ajudar na contenção durante os passeios e evitar machucá-lo, caso necessite de um maior controle de movimento na rua. No caso dos gatos, que não saem para passeios externos, a coleira pode ficar à critério do tutor.





Utilizando corretamente

A médica veterinária também explica que a coleira ou o peitoral não deve ficar folgado nem apertado, pois pode facilitar fugas ou causar machucados no animal. “O mais recomendado é deixar sempre a folga de um dedo entre a coleira e o pescoço”, orienta.

Além disso, cães e gatos não devem usar a coleira com identificação somente em momentos de passeios. O ideal é utilizá-la sempre, mesmo dentro de casa. Ainda que o tutor tenha o máximo de cuidado, o animal pode fugir da residência ao encontrar uma porta aberta, por exemplo. Então, é melhor mantê-lo sempre identificado.

De acordo com Caroline Mouco Moretti, nos passeios pode-se utilizar o peitoral e em casa a coleira, assim garantindo a segurança e conforto do animal. “Sempre lembrando de ter a plaquinha ou tag de identificação em ambos os acessórios”, enfatiza.



Adaptação do animal

Alguns cachorros e gatos podem se sentir incomodados com o uso da coleira. Por isso, é recomendado inserir o acessório na rotina deles ainda quando filhotes. “Fora isso, associar o uso às coisas boas, como passeio e petiscos, pode auxiliar nessa adaptação”, completa a diretora geral do Grupo Vet Popular.

